

**SOCIOLOGIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: EXPERIMENTAÇÕES PARA UMA  
PRÁTICA LÚDICA E SIGNIFICATIVA***SOCIOLOGY IN ELEMENTARY EDUCATION: EXPERIMENTATIONS FOR A LUDIC AND  
MEANINGFUL PRACTICE*Taís Fonseca da Rocha<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho objetiva a compreensão do papel e do significado da abordagem sociológica no Ensino Fundamental, seja por meio de disciplina exclusiva, ou pela sua aplicação em disciplinas afins. A elaboração do relato, composto de um conjunto de experiências, observações e entrevistas, se deu no âmbito das disciplinas Análise da Prática de Estágio em Ciências Sociais I e II, requisito obrigatório para integralização do curso de licenciatura em Ciências Sociais da UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais. O estágio foi realizado durante todo o ano letivo de 2023, e se deu de uma maneira interdisciplinar, sendo a prática de Ciências Sociais vivenciada nas disciplinas de Filosofia e Sociologia - para o Ensino Médio - e Projeto de Vida - para os anos finais do Ensino Fundamental. Constatou-se, ao final da experiência, possibilidades surpreendentes para a expansão do ensino de Sociologia no currículo escolar, bem como alguns desafios dados pela dinâmica do ambiente e das relações.

**Palavras-chave:** Ensino de Sociologia, Estágio, Interdisciplinaridade, Metodologias Ativas.

**ABSTRACT:** The present paper aims to understand the role and meaning of the sociological approach in Elementary Education, whether through an exclusive subject, or through its application in related subjects. The elaboration of the study, composed of a set of experiences, observations and interviews, took place within the scope of the Mandatory Internship of the degree in Social Sciences at UFMG - Federal University of Minas Gerais, carried out throughout the 2023 academic year. In this sense, the internship took place in an interdisciplinary field, and the practice of Social Sciences was experienced in Philosophy and Sociology subjects - for High School - and Life Project - for the final years of Elementary School. At the end of the experience, I found surprising possibilities for expanding the teaching of Sociology in the school curriculum, as well as some challenges posed by the dynamics of the environment and relationships.

**Keywords:** Sociology Teaching, Internship, Interdisciplinarity, Active Methodologies.

**INTRODUÇÃO**

A prática do Estágio se deu em uma escola pública integral de Belo Horizonte, localizada na região Norte da cidade. Com o intuito de resguardar os indivíduos envolvidos nesse estudo, tratarei do local pelo pseudônimo de Escola Ativa. É uma escola bem calma, provavelmente em função da quantidade reduzida de alunos. Apesar de ser um local extremamente comum, ao adentrar no campo, nos deparamos com diversas surpresas, desde um bonito e organizado jardim a salas depredadas e ambientes trancados ou abandonados. Fui introduzida ao lugar após algumas indicações de colegas e um processo de ligações e visitas à

---

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Sociais pela UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

escola. Conversei com a vice-diretora, que me encaminhou à então professora de Sociologia. E então iniciou-se minha jornada enquanto estagiária, a princípio apenas dedicada ao cumprimento de horas para integralizar a disciplina. É interessante pensar como tudo começa com um grande frio na barriga, e os primeiros dias são marcados pelo medo de se sentir não pertencente à escola. O lugar de estagiária é bastante complexo, pois trata-se de um docente em formação, ainda inexperiente no mundo prático. Pelo menos era o meu caso. E assim, aos poucos, fui ganhando espaço na sala de aula e entre os alunos. A chegada é tensionada por olhares de estranhamento e desconhecimento desse novo membro desconhecido, mas à medida em que se frequenta o ambiente, torna-se parte ativa e útil da dinâmica escolar.

Observava tudo de olhos atentos, queria entender as relações, a comunidade, as práticas, os interesses, os valores. Mas o receio ainda era grande. Receio de quê? Essa pergunta ainda ecoa. Receio de não me encaixar, receio de parecer oportunista, receio de não ser compreendida, receio de não estar pronta, receio de não produzir. E a dúvida que habitava meu imaginário: Qual é o meu lugar aqui? Lembro também de quando cheguei no primeiro dia de aula da disciplina de Estágio, ainda estava confusa, é isso mesmo que eu quero? E se eu não for capaz? Esse momento do curso é tão angustiante. É solitário. Lembro de vários silêncios que aterrorizaram minha jornada. O silêncio do primeiro dia na escola. O silêncio de planejar as primeiras aulas. O silêncio de se ver na escola, sozinha no intervalo tal qual uma criança, mas já não se é criança. Não existe um manual das subjetividades do ensino.

Minhas primeiras aulas no estágio foram realizadas em parceria com a professora de Sociologia, mas a participação no ensino médio não durou muito tempo. Em um dado momento, após cerca de um mês de aulas, ela me informou que conseguiria se aposentar. Esse foi o meu primeiro baque, pois já estava - e finalmente estava - me acostumando com as turmas e ganhando afinidade e notoriedade entre os alunos. Na espera por tudo que é previsível numa escola pequena de bairro, me deparei com situações que transpassaram todos os meus pré conceitos acerca do lugar. Tive a oportunidade de lecionar uma aula de cada disciplina - Sociologia e Filosofia - para algumas turmas, e comecei a observar os comportamentos dos alunos, as falas dos professores, as conversas de corredores, e tudo que pudesse me dar uma pista de como funcionava o ambiente. Quando a professora me anunciou, em um dia aleatório, que pretendia se aposentar, eu fiquei sem perspectiva. Pensei que seria uma tragédia a ideia de mudar de escola, mudar de turmas, sair do que estava ainda começando a me acostumar.

Acontece que esse momento acabou sendo uma das minhas melhores oportunidades no estágio, pois passei a realizar essa experiência com duas turmas de ensino fundamental, numa disciplina de Projeto de Vida. O restante do semestre se deu em parceria com uma nova professora, formada no curso de História. A sugestão de acompanhar um professor de alguma área afim veio da professora orientadora da turma de Estágio na Faculdade de Educação da UFMG. A ideia inicial era não quebrar o vínculo com a escola até que um novo professor de Sociologia fosse atribuído, mas no fim acabei aprendendo e mergulhando no mundo das crianças, com o qual não tinha nenhuma experiência de interação.

### 1. Desenvolvimento e Metodologia

Depois de tanto observar esse cenário de desistências, empecilhos, críticas, cobranças e desmotivação, meu olhar se voltava para a falta de autoestima intelectual desses estudantes. Pensei que seria o problema de pesquisa perfeito, mas me surpreendi novamente escrevendo e encontrando no meu caminho questões mais intrigantes. Depois de dar as primeiras aulas no Estágio II, tive certeza de que a interdisciplinaridade e o papel da sociologia no Ensino Fundamental haviam me conquistado. Nunca foi um fardo tentar dar uma perspectiva sociológica para as aulas de Projeto de Vida, nem trabalhar juntamente à professora de História.

No entanto, foi um desafio pensar adaptações para um conteúdo tão denso, e encontrar exemplos e atividades que fossem compreensíveis para alunos mais novos. A cada aula, a partir das trocas significativas com meus alunos, das perguntas inesperadas, das sugestões que eles mesmos construíram, me vi trilhar com eles um caminho de conhecimento que não se reduzia a uma disciplina, mas a tudo que nos estava ao alcance. A partir daí, envolvida pela incerteza do que pesquisar, mas ainda enfeitiçada pela capacidade ativa do campo, iniciei o Estágio II, disciplina seguida pelo Estágio I.

Certo dia a professora de apoio disse algo sobre mim numa conversa entre nós e a professora: “Ela é muito legal, chega na sala e brinca. Os meninos gostam muito dela, mas não dá pra brincar todo dia, vão ficar mal acostumados, né?”. Fiquei indignada com a frase dela. Meu primeiro instinto foi explicar que o que eu faço não é brincar, e sim utilizar estratégias para facilitar a compreensão. Ela riu. E aquelas palavras ficaram na minha mente por um bom tempo, ainda sentida pela “crítica” recebida. Depois de alguns dias eu tive um virar de chave. “Mas calma aí, eu brinco sim! E isso é ótimo!”. Parece que eu havia me encontrado e encontrado

uma possibilidade para dissolver o ensino de Sociologia na forma de brincadeira, resolvi investigar.

Nessa busca por uma metodologia de ensino que dê frutos, me lembrei de Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia da autonomia*, quando reforça que ensinar não é transferir conhecimentos. Segundo Freire, o conhecimento deve ser vivenciado, experimentado, e suas palavras ecoam a importância de uma abordagem prática e participativa no processo educativo. Tais preceitos reforçam a compreensão da capacidade transcendental do ensino prático e ativo, uma abordagem que vai ao encontro da essência do aprendizado significativo.

É nesse contexto que os jogos, brincadeiras, dinâmicas de quebra-gelo e outras atividades que aquecem o corpo se revelam como elementos catalisadores para uma construção de saberes mais ampla e envolvente. Incorporar tais práticas no ambiente educacional proporciona não apenas uma transmissão de informações, mas também uma imersão experiencial que torna o processo de aprendizado mais profundo e memorável.

Assim, ao explorar metodologias que privilegiam a participação ativa dos alunos, cria-se um ambiente dinâmico, propício ao desenvolvimento integral. Essas estratégias não apenas enriquecem o acervo de conhecimentos, mas também fomentam a reflexão crítica, a autonomia e a construção colaborativa do saber. Em consonância com a visão de Freire, esse enfoque não apenas educa, mas transforma, cultivando uma aprendizagem que transcende os limites da sala de aula e promove uma compreensão mais profunda e contextualizada do mundo ao nosso redor.

Quando se fala em ludicidade no processo educacional, não cabe a visualização de uma imagem banalizada da brincadeira. Estamos falando, na realização dessas intervenções, no brincar de brincar, ou seja, em utilizar os recursos da brincadeira para gerar condições efetivas e significativas de aprendizado. Não é que a brincadeira, por si só, já não seja dotada de um caráter educacional excepcional. Mas quando o professor coloca suas mãos na brincadeira com rigor, seu poder mágico é ampliado ainda mais.

o que definirá a presença da didática lúdica em uma situação será, não o objeto em si, já que ele pode servir tanto como brinquedo, como material lúdico-didático, mas a intenção do adulto que o põe à disposição dos alunos e das circunstâncias que o cercam (FORTUNA, 2019, p 4-5)

A Escola Ativa é um grande exemplo de mobilização, uso do lúdico e desenvolvimento autônomo dos estudantes. Basta adentrar a escola que já é possível perceber diversas evidências

da expressão artística dos estudantes nas paredes, nos corredores, nos jardins e nas salas. Por meio da metodologia de projetos, corpo estudantil e docente se unem para tornar a escola um ambiente colorido, criativo e vivo. E não é unicamente dos professores o esforço para a revitalização e constante construção da escola, mas os estudantes sugerem e quando tem suas ideias acatadas, produzem por conta própria.

“O educador problematizador refaz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscibilidade dos educandos. Estes, em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico, também. (FREIRE, 1970, s.p)

A transformação de uma escola não se concretiza instantaneamente; é um processo gradual que requer reflexão e esforço contínuo (HOOKS, 2017). É crucial considerar que a instituição educacional, em determinado momento, encontrava-se em um estado apático, caracterizado por uma falta notável de integração, refletida no ambiente degradado que a envolvia. Esse período de apatia não foi coincidência; ao contrário, estava intrinsecamente ligado à ausência de conexão e vitalidade na comunidade escolar. Ainda de acordo com Fortuna, o material essencial para que a prática lúdica ocorra é, em suma, a própria realidade. Essa busca de sentido não apenas conferiu um propósito mais profundo às atividades escolares, mas também estimulou uma atmosfera de engajamento e participação ativa por parte dos alunos. E foi a partir daí que, através da busca de sentido para os alunos, a escola se transformou.

Alguns fatores são importantes de serem observados nesse movimento, o primeiro deles é o envolvimento de todos os membros da comunidade nesses projetos. Acompanhei durante o ano o processo de revitalização das salas de aula e dos muros da instituição. O primeiro passo foi a reunião de ideias, propostas e necessidades dos alunos. O segundo a criação de artes a serem integradas. E o terceiro, o processo de pintura e grafite com o auxílio de um professor - que já possui um projeto pessoal de grafite nas escolas.

Essas etapas foram importantes para que eles pudessem se sentir arquitetos da própria casa, segundo a professora organizadora do projeto. O processo envolveu desejar, imaginar, debater, negociar e criar. E após a conclusão, vendo o olhar animado dos alunos que pintaram seus próprios desenhos na parede com seriedade, foi possível entender a magia do processo lúdico, pedagógico e completamente interdisciplinar.

## ANÁLISE E RESULTADOS

A primeira dificuldade encontrada na tentativa de trabalhar temáticas sociológicas com as crianças se deu por uma característica da infância: a literalidade. Nesse sentido, os alunos não só fazem uma interpretação literal das minhas falas, exemplos e propostas, mas também realizam uma atividade que não passa de um “copia e cola” quando solicitado que escrevam com as próprias palavras. Diante dessa situação, me senti receosa sobre a possibilidade de êxito de uma aula de Sociologia nesse contexto. A hesitação inicial quanto ao sucesso de uma aula de Sociologia no ambiente infantil cedeu espaço a uma compreensão mais profunda da flexibilidade inerente à disciplina. A Sociologia é e deve ser adaptável a todos os públicos.

Ao refletir sobre a estrutura do currículo atual da Sociologia, que está predominantemente presente no Ensino Médio, percebi que essa mesma estrutura pode ser aplicada, com ajustes específicos e uma abordagem mais adaptada, ao Ensino Fundamental. A ideia central é moldar o conteúdo sociológico de forma a torná-lo mais tangível e conectado à realidade imediata das crianças, incorporando atividades lúdicas e contextualizadas que incentivem a participação ativa e a expressão pessoal.

Dessa forma, ao reconhecer a necessidade de estratégias pedagógicas específicas para a faixa etária do Ensino Fundamental, podemos construir um ambiente em que a Sociologia não apenas seja acessível, mas também promova o desenvolvimento crítico e reflexivo desde os estágios iniciais da educação, preparando os alunos para uma compreensão mais profunda e contextualizada das dinâmicas sociais ao longo de sua jornada educacional.

Ao tentar contornar a literalidade das crianças, busquei elaborar aulas com momentos de exposição breves e objetivos, nos quais os alunos não tivessem que fazer nada além de ouvir e absorver por um tempo os novos conceitos. Com o grande tema Identidade, conseguimos abordar reflexões um pouco mais profundas como o relativismo cultural e o etnocentrismo, e até inserir o pensamento dos teóricos que contribuíram para esses estudos.

No entanto, não é de se esperar que um estudante de no máximo 12 anos de repente leia as obras dos antropólogos dos anos 60, identifique as problemáticas em suas escritas e produza uma crítica detalhada ligando a obra aos contextos da época e da atualidade. Por outro lado, é perfeitamente possível que esse mesmo aluno, apoiado por um professor orientador e recursos didáticos diversificados e lúdicos (desde imagens, desenhos, mapas mentais, documentários, produções de arte, e até memes), consiga produzir uma atividade mobilizando um conceito

complexo e, ainda mais estimulado, trazendo alguma contribuição crítica após as explicações adaptadas.

Os desafios enfrentados pelos professores do Ensino Fundamental não são diferentes dos desafios enfrentados pelos demais educadores. Seria errôneo atribuir todos os fatores dificultantes ao fato da criança ser criança. Afinal, não é a falta de maturidade, a literalidade, a dependência ou as dispersões. E sim a falta de preparo e de adaptação do conteúdo ao se voltar para um público infantil.

Seja com o ensino de Sociologia, ou qualquer outra disciplina do currículo vigente, é necessário compreender a realidade social e a capacidade dos estudantes para desenvolver um currículo que supra as necessidades e produza uma esfera de ampla reverberação do conhecimento. A análise acurada da realidade social é crucial para garantir que os conteúdos curriculares estejam alinhados com as dinâmicas e desafios presentes na sociedade em que os estudantes estão imersos. Ao integrar a realidade social no desenho curricular, abre-se espaço para que os estudantes se conectem mais profundamente com os conceitos apresentados, promovendo uma compreensão mais holística e significativa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É possível apontar a Sociologia, em seu caráter científico e complexo, enquanto uma disciplina que deve ser estudada por indivíduos um pouco mais maduros - ao menos em idade. Mas quais são as reais diferenças nessa transição brusca para o Ensino Médio, momento em que são inseridas disciplinas completamente inéditas? A indagação relevante aqui é por que não se poderia conceber uma transição mais gradual e expansiva, assemelhada ao modelo que se utiliza quando o estudo de Ciências se fragmenta em três disciplinas distintas?

E a quem interessa fazer com que o ensino de Sociologia não seja acessível e produtivo no Ensino Fundamental? Essa perspectiva pode ser influenciada por preconceitos sobre a capacidade dos alunos mais jovens de compreender conceitos sociológicos complexos, ou pela dificuldade de se pensar um currículo de Sociologia para o EF. A estrutura curricular muitas vezes reflete paradigmas educacionais consolidados e expectativas sociais em relação ao que é necessário ou apropriado. Contudo, é crucial considerar que, com abordagens pedagógicas adaptadas, a Sociologia pode ser introduzida de maneira acessível e estimulante para os estudantes do Ensino Fundamental e contribuir para a sua jornada social e intelectual.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Wilma; PINHO, K.E. A importância e a contribuição do lúdico no processo educacional.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. [s.l.] Sabotagem, 2006.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FORTUNA, T. R. Em busca da pedagogia lúdica: Como brincam os professores que brincam em suas práticas pedagógicas?.Revista Eletrônica Ludus Scientiae, Foz do Iguaçu, v. 03, n. 01, p. 01-19, jan./jul. 2019.

FORTUNA, T.R. Sala de aula é lugar de brincar?In: XAVIER, Maria Luiza Merino; DALLAZEN, Maria Isabel H.(orgs.) Planejamento em destaque: análises menos convencionais. Porto Alegre: Mediação, 2000. (Cadernos De Educação Básica, 6) p. 147-164.

HOOKS, B. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.